

## ÉTICA NA PRÁTICA DOCENTE: A EXPERIÊNCIA DA AMIZADE NA SALA DE AULA

Alonso Bezerra de Carvalho<sup>1</sup> (UNESP – FCL/Assis);

Roberta da Silva Lucas<sup>2</sup> (UNESP – FCL/Assis)

Eixo temático: Projetos e Práticas de Formação de Professores

Agência financiadora: PIBIC/Reitoria-Unesp

### 1. Introdução

A ética parece ter se tornado assunto permanente nas discussões atuais. Não há esfera de atuação humana que o tema não tenha sido debatido ou até mesmo tomado como expediente para se tentar compreender o existir do homem. Essas tentativas vêm sendo marcadas e determinadas decisivamente pela questão da alteridade. A filosofia e, de modo geral, todo campo de pensamento, a educação inclusive, viu-se na obrigação de responder adequadamente a esse problema – o *da alteridade* – em seus diversos aspectos. Assim, ao tornar-se a alteridade um dos temas por excelência em nosso mundo - um problema maior em termos teóricos -, a principal decorrência é a de que o *outro* adquiriu, com isso, paulatinamente, o papel de grande personagem das principais definições no campo da ética, delimitando em grande medida os contornos das relações humanas do mundo contemporâneo.

A questão da responsabilidade, dos direitos humanos, da moralidade, da diversidade cultural, do cuidado, da defesa das minorias, do respeito, do diálogo, tudo isso, ao longo do último século e nos primeiros passos do atual, foi, por diferentes pensadores e em diferentes áreas, redefinido e reinvestido à luz da figura do *outro* (ou do *Outro*) - da alteridade.

Nesse texto, gostaríamos de ir um pouco mais longe. Queremos situar e articular o tema da alteridade com algo que pode ou precisa ser vivenciado, atualizado e experimentado nas mais diversas situações de nossa existência. E desejamos falar sobre isso a partir de um lugar bem específico: o ambiente escolar, a sala de aula. Nesse aspecto que uma reflexão sobre a amizade, nos termos apresentados nos discursos filosóficos, favorece ir um pouco mais além das discussões referentes ao *Eu* e ao *Outro*, tão comuns quando se fala sobre a ética.

Desse ponto de vista, o *reconhecimento da alteridade* será sempre menos, será sempre uma emoção e uma aquisição afetiva menor em intensidade e em importância do que *fazer um amigo*. Entender o outro, compreender o outro, aceitar o outro pode ser, talvez, sempre fundamentalmente *menos valioso* do que fazer um amigo. Pois, afinal, eticamente, qual o projeto mais importante e fundamental: o de conseguir reconhecer e representar-se esse outro que, de todo modo, se apresenta e se percebe, ou o de poder, quem sabe, fazer dele efetivamente um próximo, chegar ao ponto de verdadeiramente encontrar nele um amigo?

Afinal o que é, ou quem é o outro? Deveríamos simplesmente, em algum momento, confundir o amigo ao outro? Diríamos que o amigo será, para nós, o outro que de fato chega a ser eticamente considerado (de modo efetivo e conforme uma experiência real, e não apenas conforme a experiência possível de um outro universalmente dado, mas talvez existencialmente ausente), que chega a ser afetivamente recoberto, e emocionalmente investido. Se a ética é uma ação na direção de um bem (ou do Bem), bem no estilo defendido por Aristóteles, ou se consiste na possibilidade de criar uma vida mais feliz, ou mesmo se ela se determina conforme um “fazer o que se deve”, o simples reconhecimento da alteridade parece frustrar essa tarefa ética antes que cumulá-la. O reconhecimento, tomado como categoria ética, não pode, enquanto tal, ser pensado na condição de uma plena realização da própria ética, a ele parece carecer, justamente, esse aspecto afetivo, emocional e, em última análise, ético, que o amigo traz consigo.

Nenhum ambiente talvez revele melhor os rumos dessa temática do que a própria escola, nas expectativas dos seus alunos, naquilo que efetivamente se deseja, eticamente falando, e isso já na infância.

Para os propósitos desse trabalho, o percurso que pretendemos seguir toma como necessário uma compreensão sobre o que pode ser entendido por ética e sua relação com a questão dos valores; em seguida, apresentar alguns dados preliminares obtidos junto as professores e alunos, no sentido de apreender o sentido e o significado que a o tema amizade tem nos dias hoje, tomando a sala de aula como espaço revelador dessa experiência e sua relevância para os personagens que ali vivem. Por fim, esperamos

mostrar que a sala de aula é lugar de encontro e que as conclusões apresentadas nos discursos filosóficos talvez possa ser fonte de invenções de relações humanas renovadas, tornando o ambiente escolar bom, agradável e prazeroso.

## 2. Ética e os valores

Haveria um desejo no mundo contemporâneo em fazer brotar elementos propícios e respostas que possam colaborar nas decisões e no sentido que atribuímos às nossas formas de comportamento e de vida, enfim, à nossa própria existência. Por isso, muito se tem falado, escrito e debatido sobre ética. Sofremos uma violenta inflação do termo “ética”. Tanto o grande público, como os especialistas, têm falado e interrogado demasiadamente sobre quais os valores ou doutrinas são tomados hoje como fios condutores das atitudes humanas. É suficiente ficarmos atentos às mensagens veiculadas nos jornais, tv, rádio e internet para encontrarmos assuntos abordando tal crise de valores, ou a necessidade de se estabelecerem novas posturas para os homens, uma vez que as atuais já não condiziriam às exigências de uma sociedade democrática, livre e justa.

Os gregos nos ensinaram que a ética - etimologicamente vinda de *ethos* -, diz respeito aos usos e costumes de um dado grupo, isto é, àquilo que é adotado como guia das ações de determinada coletividade, bem como à maneira de agir, o jeito de ser de um indivíduo, o que indicaria o seu caráter, a sua índole, o seu temperamento (CHAUÍ, 2004; LIMA VAZ, 2000). Enfim, a ética trata das coisas humanas e sua relação com o outro, que pode ser tanto uma pessoa, a natureza, as coisas, o mundo e Deus. É esse aspecto o mais essencial se quisermos refletir e colocar a ética em ato, isto é, como nos conduzimos diante do existir.

Nesses termos, a ética tornou-se um assunto de profundos debates, repercutindo em amplas esferas da sociedade. Como trata dos valores, observamos que no campo da educação o tema da ética tem ocupado uma grande parte das discussões, trazendo-nos algumas questões que pretendem compreender os anseios e as expectativas que parcela

significativa dos personagens que nele militam querem ver realizadas ou respondidas.

A sala de aula é lugar onde circula valores. Podemos tomar como expressão desse movimento, entre outros, a questão do funcionamento dos estabelecimentos escolares, sobretudo como eles são administrados, as situações cotidianas que exigem uma resposta e uma solução minimamente satisfatórias aos docentes, às famílias e aos alunos. O cotidiano de uma escola, não apenas do ponto de vista de quem a dirige, pode ser considerado como um “inferno ético” (OBIN, 2007). As tensões e os dilemas que existem ali podem ser compreendidos a partir de três vertentes: a primeira, quanto ao respeito das leis, dos regulamentos – o direito; a segunda, quanto ao cumprimento dos deveres – a moral - e, terceiro, no que concerne à vivência de certo número de valores relativo ao que é bom fazer – a ética. Tudo isso junto se movimentando no ambiente escolar revela uma realidade que se assemelha, a princípio, ao inferno de Dante. No pórtico desse lugar estaria escrito: “vós que entrais aqui, abandonais toda a esperança”, simbolizando, assim, a dificuldade dessa passagem sem retorno entre o universo da harmonia, da disciplina e do mundo da discordância, das tensões entre as pessoas, seus interesses e seus valores.

No entanto, as situações mais problemáticas encontradas numa escola não são de ordens administrativas, financeiras ou técnicas, quando solicitam respostas e decisões dos agentes que nela freqüentam.

O mundo presente talvez não esteja atento a um conjunto de fatos que demonstram uma degradação de valores, que pode levar a um profundo ceticismo em relação à nossa própria existência e à convivência com o outro. O que somos, o que queremos de nós nesse mundo e o que estamos fazendo de nós mesmos e com os outros? É nesse aspecto que a ética precisa retomada como campo de reflexão, pois ela pode nos favorecer na compreensão sobre o sentido que estamos dando ao nosso viver. Embora sejamos seres cognoscentes, políticos, estéticos, éticos, estamos com dificuldade de decidir e escolher o que queremos para as nossas vidas, seja como indivíduo seja como pertencente a uma coletividade.

A questão dos valores na escola do século 21 está marcada pelas

mudanças sociais e os problemas, as inquietações e as polêmicas que surgiram desde a metade do século passado. Se o futuro é herdeiro de uma tradição, isto exige levar em consideração as evoluções e os problemas que nos atingem. A noção de valor, como escolha fundamental, abre o campo da reflexão a partir de uma análise do existir. Um valor é como princípio fundador e regulador do exercício do julgar e das ações conduzidas pelos membros de uma comunidade: um valor é um ideal que motiva a agir de uma maneira mais que outra, isto é, um valor é o que “vale” a pena – de viver, de aprender, de trabalhar, de correr riscos, de sofrer, etc. Constitui uma referência que orienta as convicções e os comportamentos. As escolhas de valores adquirem sentido na sua relação com a idéia de bem ou a idéia de preferível.

O tema dos valores aparece ligado, desde a filosofia grega, à idéia do Bem. E a ética contemporânea acrescenta à idéia de como viver segundo o Bem a questão de como bem *vivre ensemble*, ou seja, de como viver com os outros. Essa exigência pressupõe o respeito, a tolerância, a solidariedade, etc, como valores fundadores de uma relação ao outro em termos de paz, de reconhecimento e de confiança mútuas, sem hierarquia nem exclusão. Esses valores são igualmente constitutivos dos laços privilegiados que unem as pessoas em sua vida privada, em suas relações de amizade e de amor.

A tarefa do professor tem uma responsabilidade diante dessa nova realidade, uma responsabilidade, segundo Arendt, adulta, cidadã e educadora. “Seria necessário compreender que a tarefa da escola é de ensinar às crianças o que é mundo, e não lhe inculcar a arte de viver” (in GUILLOT, 2001, p. 73-4). Nesse mundo se manifesta uma violência nas formas mais variadas: física, psíquica, moral, social e econômica. Sutil e simbolicamente ela é a expressão latente ou brutalmente manifesta de um grupo ou de um indivíduo de pretender impor e afirmar universalmente suas convicções, recusando o outro, enfim, o debate. A violência é a negação da palavra - ela confisca a humanidade. Historicamente, a violência institucional – pensemos na escola – se inscreve nas formas duras e visíveis caracterizadas pela lógica da recusa e do fechamento antes de “evoluir” em direção a formas mais fluidas e invisíveis, caracterizadas por uma lógica da

inserção controlada das diferenças. E a humanidade, em suas diversas tradições, não encontrou senão dois meios, que juntos, previne e reprime a violência: *o direito e a educação* (Cf. GUILLOT, 2001, p. 75).

No caso da Educação, ela aparece como o único processo susceptível de preparar a palavra partilhada em direção à verdade e à justiça. E a alternativa é o diálogo. “Estabelecer e restabelecer o diálogo com aquele ou aquela que é a única *démarche* humana capaz de recordar as ‘partes geladas da humanidade’, de forma que possa restituir a dignidade da pessoa, restaurando seus direitos – e seus deveres” (Alain in: GUILLOT, 2001, p. 76). A Escola, espaço privilegiado para essa experiência, deve ser, assim, não o tribunal da violência, mas a tribuna para o exercício da razão.

Nesse aspecto, a importância da presença e da mediação do conhecimento, do reconhecimento e do aprendizado pelo outro, e do respeito, da tolerância e do diálogo a partir da sala de aula, pode contribuir na criação de uma convivência social de outro nível que, sem atribuir à escola o papel de redentora da sociedade, pode favorecer transformações significativas em nossas atitudes. Ou seja, o conhecimento, em todos os seus aspectos, e o aprender, por decorrência, são acontecimentos de natureza social. O esperado, portanto, é que se aponte para a importância central do outro, inclusive para o estabelecimento efetivo de um processo de construção cognitiva, processo este que, sem a presença do outro, permanece parcial, precário, ou mesmo irrealizado de todo. Para essa nova experiência podemos colocar o tema da amizade em nosso horizonte educacional, de forma que ele possa despertar desejos, sentimentos e disposições jamais vividos, pensados e ditos, tornando a prática docente um momento privilegiado e revestido de toda sua importância ética<sup>3</sup>.

### **3. Amizade, sala de aula e prática docente**

O tema da amizade é tratado desde longa data no campo da filosofia, embora a palavra mesma que, na época clássica e notadamente em Aristóteles, designa a amizade, *philia*, parece não ter entrado em uso corrente senão por volta do último terço do século V a.C., época à qual ela é

familiar a Heródoto, Eurípides, Tucídides. Antes desta data, é, senão incomum, ao menos raro: nem Homero, nem Hesíodo, nem os Líricos, nem Ésquilo, nem Sófocles a empregava, e os testemunhos que a atribuem aos filósofos pré-socráticos não merecem nenhum crédito: eles visivelmente retraduziram na língua do seu tempo o pensamento que eles atribuíam a suas fontes. É na sociedade democrática contemporânea do século V. a. C. que os laços de parentesco, fundamento da velha aristocracia, se vêm cada vez mais substituídos pelos laços de “amizade”: pois se chama, então, os parceiros de um homem político seus “amigos” (cf., p. ex, Aristóteles, *Política*, IV, 11, 1295b 14-15; 6, 1293a 31), e os partidos políticos recebem o nome de *hétairies*, isto é, de “amigáveis”. É, então, que com a Sofística aparecem as primeiras teorias da amizade (Cf. Gauthier e Jolif in: ARISTÓTELES, 1959).

Platão, Epicuro, Sêneca, Cícero, Montaigne, Descartes, Voltaire, Kant, Nietzsche, Adorno, Foucault, Deleuze são alguns dos mais proeminentes expoentes da temática (BALDINI, 2000). É em Aristóteles que iremos encontrar uma exposição sobre a amizade que repercute até os nossos dias. No seu tratado da amizade – livros VIII e IX de *Ética a Nicômaco* -, sua preocupação principal é trazer para a terra a amizade que Platão, a seus olhos, transportou para as esferas inacessíveis, - e irreais, - e substituí-la por essa “amizade perfeita”, toda humana, que é a amizade dos virtuosos. Mas ele não deixa nem por isso de retomar a sua maneira o tema dos Sofistas, dedicando toda uma parte de sua exposição à relação da amizade e da justiça, isto é, à concepção utilitária da amizade e à casuística que ela engendra (Cf. Gauthier e Jolif in: ARISTÓTELES, 1959, p.657).

Enfatizando o caráter pragmático, Aristóteles considera a amizade – a *philia* - como uma das virtudes mais significativa do existir humano. Na sua ética, ele propõe que a amizade que tende ao bem é perfeita e virtuosa, devendo ser a preferida de todos<sup>4</sup>; mais rara e mais lenta para se formar, é duradoura, dado que pertence aos homens virtuosos considerar os amigos como a si mesmo e o prazer que experimentam reside nas ações que exprimem uma natureza que visa sempre o bem do outro. Essa semelhança de natureza se funda numa relação de confiança e de um reconhecimento

recíproco: os homens bons e virtuosos são agradáveis e úteis uns aos outros (Cf. ARISTÓTELES, 1988, p. 34-5). A vida em comum é a característica mais relevante da amizade perfeita, pois aqueles que estão em estado de fraqueza ou indigência têm necessidade de ajuda e aqueles que são ricos gostam de se sentirem rodeados de pessoas, visto que a solidão é algo que incomoda e aflige. Como disposição duradoura, gostar de seu amigo é gostar do que é bom por si mesmo, o que pressupõe, portanto, uma igualdade, uma partilha da existência. Mas qual é a atualidade dessa discussão nos nossos dias? É possível construir relações de amizade na sala de aula? No ambiente escolar?

Numa pesquisa realizada com alunos e professores<sup>5</sup>, com a finalidade de verificar o que se entende por amizade e suas repercussões tanto nas relações humanas bem como nas relações de ensino-aprendizagem, os dados revelam que é possível notar a expectativa positiva que o tema pode provocar.

Quando perguntados o que eles entendem por amizade, as respostas mais freqüentes entre os alunos a compreende como estando ligada à confiança, ao companheirismo e ao respeito, sendo que todos disseram que têm amigos e nunca foram deixados de lado em suas relações na escola. Além disso, considera a amizade algo importante, pois possibilita a partilha das tristezas e alegrias, criando um espírito de confiança, enfim, ela é essencial na vida das pessoas.

No que se refere aos professores, os alunos, na sua maioria, consideram que é possível o estabelecimento de uma relação de amizade com eles, visto que pode favorecer a construção de um respeito mútuo, de uma situação de igualdade, de boa convivência, de compreensão, de diálogo e de afinidade, mesmo que os professores às vezes exijam demais. A consequência direta deste quadro, como uma parcela significativa deles respondeu, apontaria na direção de um melhor desempenho escolar, pois a atenção recebida contribui no aumento do interesse pelos conteúdos, na resolução de dúvidas, na concentração e confiança na aprendizagem, situação que vai de encontro àqueles que consideram esse tipo de relação mais como interesseira, visto que não se pode misturar as coisas, e que o desempenho

independe dessa convivência.

Por seu lado, os professores também indicam uma tendência a considerar a amizade como uma conduta e uma postura que levaria a uma situação agradável e prazerosa no processo de ensino-aprendizagem. Segundo eles, e semelhantes aos alunos, a amizade significaria confiança, respeito, companheirismo, bem como afetividade e diálogo. Importante na vida das pessoas, a amizade dá-lhe sentido e promove a humanização, visto que garante a socialização e o enfrentamento das alegrias e tristezas, nos tornando mais amados e felizes e causando o mesmo nos outros.

Abordado nas reuniões pedagógicas, o tema da amizade ou das relações humanas é, relativamente, proposto como conteúdo programático ou prática a ser realizada na sala de aula a partir de atividades como palestras e conversas no HTPC, além de ser inseridos em projetos interdisciplinares. E quando a discussão não é realizada, os professores a consideram essencial para melhor lidar com os alunos, criar um ambiente de união, visando à solução de problemas internos à escola.

Por fim, quando perguntados se considera possível o estabelecimento de relações de amizade entre professor e aluno, de modo que favoreça a criação de um ambiente escolar agradável e contribua no desempenho escolar e na aprendizagem do aluno, praticamente todos os professores responderam afirmativamente. Entre as razões mais significativas está a melhoria do desempenho escolar e o aumento do diálogo, da confiança, facilitando o seu trabalho.

Pelos dados preliminares é possível perceber que a amizade ocupa um espaço importante na vida das pessoas e os discursos filosóficos podem nos ajudar a aprofundar a reflexão e contribuir para olharmos com mais atenção às coisas que acontecem no ambiente escolar, especialmente na sala de aula, mudando atitudes que levem à experimentação de novas formas de vida. Isso significa uma nova postura ética – de professores e alunos.

Ao pensarmos numa nova experiência de prática docente, sobrelevando para tanto a dimensão ética nas relações humanas na escola, sobretudo na sala de aula, a idéia ou pergunta que rapidamente vem a nossa cabeça é se há possibilidade de uma relação amical, nos termos que tratamos aqui, entre

professor e aluno, por exemplo. É certo que possibilidade de amizade entre professores e alunos põe-nos diante de uma questão pertinente ao nosso tempo. Se a amizade é ter uma vida em comum, que elemento une os dois personagens? É evidente que há uma diferença entre ambos, na vestimenta, no vocabulário, na idade, nos interesses, etc. Essa experiência, aparentemente estranha, pois baseada entre pessoas diferentes, é o que faz da amizade uma virtude, possibilitando a revelação de pontos de vista, de crenças, desejos, sentimentos e utopias distintas. A barreira hierárquica pode ser superada, em que professores e alunos tenham o ato corajoso de circularem, de “voarem” no terreno um do outro, de recriar uma espécie de sociedade, de comunidade, sem demagogias e hipocrisias. Desta forma, acreditamos ser possível a diminuição das lacunas que causam os conflitos educacionais.

Um dos grandes estudiosos da filosofia – e também professor – pode nos sugerir reflexões e elaborações de práticas renovadas no campo da ação docente. Numa entrevista Jean-Pierre Vernant nos ensina:

*é necessário deixar de ser professor para poder sê-lo. Isto significa obrigatoriamente que toda relação social... implica um cimento, que é a amizade. Este elemento fundamental é o sentimento de uma cumplicidade, de uma comunidade essencial sobre as coisas mais importantes. Na relação do professor com seus alunos está o fato da partilha de uma certa imagem do que se deve ser alguém, de ter em comum uma forma de sensibilidade e de acolhimento ao outro (VERNANT, 1995, p. 194).*

### **Considerações finais**

As idéias trazidas nesse texto tiveram a preocupação não somente de articular ética, amizade e educação, mas, sobretudo, pensar que saídas são imagináveis para problemas que insistem em permanecer habitando o ambiente escolar. A partir do momento que olharmos para outras dimensões da vida humana, ampliando o nosso horizonte, de maneira que o outro seja levado em consideração como elemento constitutivo de nossa existência, favorecendo a invenção de novas práticas pedagógicas, mas mais do que isso, inovando as nossas posturas e atitudes. Aqui defendemos que os discursos filosóficos sobre a amizade podem ser tomados como exortações

que nos conduziriam, no mínimo, a uma pré-disposição para aceitar o outro, a uma disponibilidade para conhecê-lo, para agradá-lo, de maneira também a sermos bem-vindos e bem aceitos. Nessa direção, a amizade, como disposição de caráter, nos termos compreendidos, por exemplo, por Aristóteles, cuidaria de estabelecer um pacto de reciprocidade, de afeição e de generosidade no sentimento; *como se*, acompanhadas por amigos, as pessoas se revelassem mais capazes para melhor agir. A amizade, assim compreendida, acarretaria o reconhecimento de si nos atributos do outro.

Dito de outra forma, e com os dados da pesquisas indicaram, a criação de novas de formas de vida, e de novos estilos de existência, é uma possibilidade que circula no meio escolar. Portanto, o professor deveria estar atento para responder aos apelos – nem sempre verbais - que emergem no ambiente da sala de aula. Essa responsabilidade significa que ele deve ir além dos conteúdos, transportar-se para além da sala de aula, abrindo-se para a dimensão ética que, via amizade, nos conduz e nos leva ao outro.

Nesse sentido, pensar ou exercer uma nova relação entre professor e aluno, já na sala de aula, tomando o tema amizade como elemento provocador, pode colaborar na formulação de saídas significativas para, por exemplo, a violência, a indisciplina e os conflitos que se manifestam no ambiente escolar. Isto nos permite concluir que a sala de aula pode ser lugar de encontro ético-político e de instauração de atitudes novas e, com isso, edificar novos vínculos com o Outro, reconhecendo-o como o nosso amigo que, como o fim de nossos sentimentos, crenças e desejos, pode contribuir na elaboração e experimentação de significados diferentes ao nosso existir. Deste modo, a escola torna-se um espaço de crescimento, onde as práticas, também docentes, se configuram em bases democráticas, humanizadoras e plurais.

## **Bibliografia**

ARISTÓTELES. *L'Éthique à Nicomaque*: introduction, traduction et commentaire par René Antoine Gauthier et Jean Yves Jolif. PUL :

Louvain/Ed. Béatrice-nauwelaerts : Paris, 1959, t. II.  
\_\_\_\_\_. *Éthique à Nicomaque : livres VIII et IX*. Paris : Hatier, 1988.  
BALDINI, Massimo (org). *Amizade & Filósofos*. Bauru : EDUSC, 2000.  
BOTO, Carlota. *A ética de Aristóteles e a educação* In:  
<http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm>. Acesso dia 16 de junho de 2009. 17h39.  
CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo : Ática, 2004  
GUILLOT, Gérard. *Quelles valeurs pour l'école du XXI siècle*. Paris : L'Hamartan, 2001.  
LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de Filosofia II : ética e cultura*. São Paulo : Loyola, 2000. 3ª Ed.  
OBIN, Jean-Pierre. *Les établissements scolaires entre l'éthique et la loi*. Paris : Hachette, 2007.  
ORTEGA, F. *Genealogias da Amizade*. São Paulo : Iluminuras, 2002.  
UTZ, Konrad. Filosofia da amizade: uma proposta. In : *ethic@*: Revista internacional de filosofia da moral / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia — v.7, n.2.— Florianópolis : NEFIPO, p. 151-164, Dez 2008.  
VERNANT, Jean-Pierre. Tisser l'amitié In: JANKÉLÉVITCH, Sophie et OGILVIE, Bertrand. *L'amitié : dans sons harmonie, dans ses dissonances*. Paris : Autrement, 1995, pp. 188-202.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia da Educação com Pós-Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Charles de Gaulle, Lille, França. Professor do Departamento de Educação da Unesp/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp/Marília. E-mail: alonso professor@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/Unesp) e aluna do Curso de História da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Assis. E-mail: beta\_historia@hotmail.com.

<sup>3</sup> No texto *Filosofia da Amizade: uma proposta*, o filósofo alemão Konrad Utz defende que o tema amizade, sempre tratado como “um fenômeno específico dentro da ética”, tem um potencial maior. Segundo ele - indo além de Aristóteles -, amizade é um conceito que “parece capaz de servir como fundamento para toda a Filosofia Prática” e, isso, por dois motivos: 1. conseguiria reconciliar universalismo e particularismo éticos e 2. conteria uma solução do problema da intersubjetividade.

<sup>4</sup> Segundo Aristóteles, podemos falar em três teorias sobre a amizade, diferenciando-se somente pelo fim visado: aquela dirigida ao bem, ao agradável e ao útil. A amizade fundada na utilidade considera apenas o benefício ou o proveito que pode ser tirado, isto é, a afeição pelo outro está nas vantagens que são esperadas, tendo em vista o interesse próprio, o que denota não uma reciprocidade, mas um amor a si próprio. A amizade agradável, por seu lado, está inspirada no

---

prazer que o outro proporciona, tendo em vista apenas o deleite pessoal. Em ambas, a “amizade nasce somente de circunstâncias acidentais e não de qualidades essenciais do indivíduo amado. Não se ama o outro pelo que ele é, mas pelo que ele pode proporcionar, oferecer. A amizade assim construída pode ser reconhecida como frágil” (ARISTÓTELES, 1988, p. 33-4).

<sup>5</sup> A pesquisa intitulada “Ética e Educação: a experiência da amizade na sala de aula” teve a participação de uma Bolsista PIBIC/Reitoria-Unesp, e foi realizada com 53 alunos e 41 professores, em escolas públicas estaduais do município de Assis/SP.